

Gabriel Janeiro

Configuração do pré-projeto

LAMBE: A LÍNGUA DA RUA

Resumo

Neste documentário, a prática de elaboração do lambe-lambe em São Paulo ocupa o principal objeto de análise e reflexão, e se estende desde as motivações individuais que inspiram os sujeitos a colar no muro até o movimento amplo e coletivo de manifestação artística, política e poética nas ruas que convencionou-se chamar de arte urbana. Esse movimento, em suas diferentes manifestações, nos permite pensar e produzir conhecimentos sobre as formas que diferentes grupos sociais interpretam a cidade e se apropriam dela. Sendo assim, partiu-se de três objetivos centrais: investigar a elaboração conceitual e prática que dinamiza o fazer do lambe-lambe, investigar os usos da rua nessas manifestações e as possibilidades de cidade e sujeito que emergem dessa interação. Enquanto o trabalho de campo voltou-se à observação dos processos de colagem na rua, o que colocou a pesquisa em movimento pelo espaço urbano e seus diferentes contextos, agentes e esferas do poder público, o trabalho de pesquisa buscou entender esses processos como causa e consequência de um projeto político de cidade específico que atravessa os espaços e vai incidir sobre os sujeitos. Sendo assim, o lambe, dentro de um conjunto de práticas enquadradas dentro da arte urbana, denota um fazer que não apenas modifica esteticamente as superfícies construídas, como também coloca em questão a eficácia de ações urbanísticas e jurídicas, prefigurando novas possibilidades de ser e estar na cidade.

Apresentação

O trabalho adquire relevância sociocultural ao retratar a realidade dos sujeitos por trás das frases coladas nas paredes da cidade, demonstrando como o lambe-lambe vai muito além de papel e cola nos muros. Sendo assim, promove a valorização dessa prática expressiva, de presença marcante no território paulistano, como um dos

símbolos de um amplo movimento de ressignificação do espaço urbano e das relações que movimentam a vida na cidade.

A busca pela propagação de mensagens através da colagem de papel nas ruas surge inicialmente como uma forma de publicidade, e posteriormente vai ser entendida como uma expressão cultural e uma forma de afirmação identitária incorporada pela “street art” (ou arte urbana). Isso porque, para além do discurso propagandístico, ele se torna uma plataforma para contar histórias, manifestar sentimentos ou discursos próprios sobre causas sociais, políticas e culturais.

O conceito de *arte urbana* é bastante abrangente e de difícil delimitação. Em suma, trata-se de qualquer intervenção artística feita nos espaços das cidades, podendo assim ser manifestada das mais diversas maneiras, através de pinturas, performances e instalações.

Paralelamente, a definição de algumas dessas práticas como arte, como o graffiti e a pixação, é um movimento recente e amplamente debatido, à medida que pode reduzir a dimensão cultural mais ampla das mesmas.

Com as novas dimensões ético-estéticas do lambe-lambe, os sujeitos sociais clamam por novos sentidos e ressignificam os espaços urbanos simultaneamente, através de uma coreografia do improviso, da ludicidade e da rapidez. Propõe, com isso, outros diálogos possíveis entre sujeito e espaço que fogem ao modelo imposto pelas políticas urbanas formuladas de acordo com a natureza do capitalismo contemporâneo.

A cidade, sendo fundamentalmente um espaço de transição entre afazeres nos quais as ruas se apresentam como espaços de conexão, raramente proporciona aos cidadãos o desfrute dos espaços públicos para lazer e entretenimento. Quando existe, essa fruição está inserida em uma lógica de fragmentação urbana na qual não são todos os que têm acesso aos equipamentos culturais ofertados.

A cidade, entretanto, não está morta. Ela vive e pulsa dinamizada por encontros, conflitos e convergências que vão além das atividades prático-utilitárias estabelecidas rotineiramente. Nela, existem grupos que resistem ao instituído, irrompem a ordem do discurso urbano e buscam outras potenciais formas de viver e reencantar o cotidiano.

Esses grupos encontram na cidade o contexto e a finalidade de seus processos criativos e buscam práticas de significação do território calcados no coletivo e no bem comum. Assim, ao promover intervenções artísticas em paisagens de acesso público, propõem deslocar as obras dos cercos dos museus e trazê-las ao acesso da população.

A arqueologia é capaz de datar que a prática expressiva de realização de inscrições e riscos nas paredes acompanha a história da humanidade. Os traços antigos, entretanto, se diferem do que se convencionou chamar de graffiti na Europa em meados da década de 60, se espalhando posteriormente por diversos países através de diferentes técnicas.

Os graffiti realizados em Paris durante o movimento estudantil eram marcados por frases contestadoras, lúdicas e slogans com um viés político-ideológico de contestação do governo vigente. Essas inscrições indicavam para a falta de preocupação com os problemas sociais em meio a uma sociedade industrial.

No Brasil, a prática começou há cerca de 50 anos durante a ditadura militar com frases pichadas que indicavam o fim do regime e a busca pela liberdade democrática. Nesse contexto, se constituía como uma atividade contracultural que rompia com o espaço sacro e centralizador dos museus para a manifestação artística, além de se apropriar dos muros das ruas como espaço de reivindicação.

Desde então, observa-se que essas manifestações ocupam posição essencial na cena cultural paulistana, e sofrem de recorrentes tentativas de apagamento.

Em São Paulo, desde que Jânio Quadros foi eleito, em 1985, iniciativas de combate à “pixação” são implementadas e malsucedidas, como aponta o antropólogo e professor da Unifesp, Alexandre Barbosa Pereira.

Essas iniciativas utilizaram-se da repressão como uma forma de performance de poder, que afirma um ordenamento estético sob a cidade e um desejo de purificação que perpassa o espaço e vai incidir sobre os indivíduos.

Durante os três primeiros meses do mandato do prefeito João Dória em São Paulo, em 2016, foi adotado um programa *antipixação* que ordenou guerra contra artistas de rua por meio do programa Cidade Linda, em clara alusão ao programa “Cidade Limpa” de Gilberto Kassab. Após pintar de cinza grande parte do mural de grafites da Av. 23 de Maio, além de obras em outros pontos da cidade, ele deu depoimentos defendendo

tolerância zero a qualquer tipo de manifestação enquadrada como “arte de rua não autorizada”.

Esses discursos representam a forma como o Estado se apropria e mobiliza noções de arte, beleza e feiura associados a um projeto específico de cidade – um projeto excludente, pautado na propriedade privada, que afirma distinções artificiais entre belezas e feiuras, entre sujeira e limpeza, entre arte e vandalismo, como afirma a pesquisadora Gabriela Leal.

Segundo ela, ao realizar essas distinções, essas leis recaem, na prática, sobre as pessoas que praticam o graffiti, pixação, stencil, lambe, sticker, etc. Não à toa, quando um pichador tem sua arte coberta por tinta, ele diz que “foi apagado” - esta foi uma forma de apagar sua existência.

É importante ressaltar, entretanto, que o sujeito envolvido nessas práticas expressivas não está necessariamente inserido em um contexto de imobilidade social, onde a escassez é a causa para a revolta e vandalismo. O vandalismo vem muito como uma opção para que o sujeito se mostre como capaz de definir as próprias escolhas e se afirmar enquanto tal, como defendem as pesquisadoras Janaina Rocha Furtado, Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e Andréa Vieira Zanella, Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP.

Para elas, a escolha por agir de forma transgressora e ilegal está ligada ao rompimento com um imaginário restritivo imposto a juventude que quer se sentir capaz de elaborar as próprias regras e tomar as próprias decisões, assim como elaborar simbolicamente e criticamente novas estéticas que rompem com predefinições limitantes.

Nesse contexto pode ser entendida a emergência do Lambe Vandal, que ressignifica a ideia de vandalismo tornando-a uma finalidade, o próprio propósito da colagem. Assim como o *graffiti* e a *pixação*, ele pode ser visto como uma prática e tecnologia predominantemente periférica que, através de um fazer específico, se apropria do espaço da cidade como lugar de fala para protestos e reivindicações.

Sendo assim, o ato ilegal se justifica pelo intuito de se pôr contrariamente ao sistema vigente, se expressar de maneira crítica, se identificar como aquele que não pertence e defender uma sociedade outra a ser inventada.

Pessoalmente, a escolha do tema relaciona-se a um interesse pelas variadas práticas culturais e expressivas associadas à “street art”, como práticas indissociáveis à experiência cotidiana de São Paulo e fundamentais para o entendimento da cidade em suas dimensões política, econômica, social e cultural.

No meu trajeto diário, assim como de milhões de cidadãos, intervenções desse tipo despontam na paisagem a subverter a percepção do espaço urbano e promover reações específicas naqueles que vivenciam a rotina maquínica e compulsiva de São Paulo.

Dentro da minha experiência individual da cidade, o despontar dessas frases e imagens coladas nas paredes parece quase que espontâneo, uma vez que os sujeitos envolvidos são raramente vistos e identificados. Com isso, o despertar de uma curiosidade pelos corpos, trajetórias, motivações e processos por trás desses cartazes me imbuíram a produzir esta pesquisa e documentário.

Na última década, o reconhecimento desse tipo de manifestação vem trazendo maior visibilidade aos seus praticantes. Paralela a essa visibilidade, entretanto, promove-se uma mercantilização descaracterizante, um engolfamento e tentativa de enquadrá-las no gosto, no preço e nas exigências das classes dominantes. Enquanto isso, o ato de pixar, pintar ou colar na rua permanece carregado de estigmas que o associam à depredação do espaço e à criminalidade.

Essa descaracterização pode ser vista desde a grafia destas palavras, que deixam de ser escritas como *graffiti* e *pixação* e vão ser traduzidas e “dicionarizadas” como grafite e pichação. A escolha do uso das grafias originais, nesse sentido, é intencional e remonta a essas práticas feitas sem autorização e não comissionadas – antes de serem “artificadas”.

Sabendo disso, a escolha do tema surge também no intuito de promover uma valorização daqueles que se apropriam dos muros da cidade como uma maneira de existir, reinventando e dando significado às múltiplas dimensões de suas vidas e trajetórias. Também para dar visibilidade ao problema da repressão que incide sobre esses corpos e ao viés mercantil que tende a usurpar da arte de rua a sua essência e seu propósito.

Desenvolvimento

Hipótese

O trabalho pretende abordar a cultura da colagem de cartazes na cidade para além da publicidade. O documentário, ao trazer os corpos, as vozes e as experiências por trás dos cartazes colados, busca romper com um imaginário restritivo e superficial dessas manifestações e associá-las a um movimento amplo e complexo de interação dos sujeitos com o espaço urbano, a transformar simultaneamente as partes envolvidas. Trata-se, dessa forma, de um processo de subjetivação e prefiguração da cidade que propõe uma cidade outra, menos excludente, impessoal e verticalizante.

Recortes

Dentro da categoria de “arte de rua” em toda a sua pluralidade, incluem-se os lambe-lambes (ou apenas lambes). Essa manifestação ocorre a partir do ato de colar cartazes com poesias, reivindicações, ilustrações, questionamentos e outros tipos de manifestações de carácter político, poético ou artístico.

O ato de colar cartazes nas ruas surgiu no século XIX com o advento da imprensa e permitiu a disseminação de informações predominantemente publicitárias pela cidade. Por ser uma mídia barata, de fácil produção e alcance massivo, ela passou a ser utilizada para a propaganda de guerra, sobretudo durante os conflitos do Século XX.

No período pós-segunda Guerra Mundial, os posters de protesto passam a aparecer como uma clara reação ao período passado e apoio à contracultura. Foi então que surge a categoria lambe-lambe, reconhecida como arte urbana no Brasil somente em 2016.

Neste documentário, trarei a contribuição de diferentes entrevistados que, através de variadas estéticas e propostas, utilizam-se da cola e do papel para se expressar.

A roteirista Lau Guimarães busca traduzir histórias do cotidiano em poucas palavras, com número limitado de caracteres. Assim, ela cria seus “microrroteiros” da cidade, espalhando lambe-lambes coloridos pelas ruas.

Já o osasquense Ronei Evangelista trabalha com outro tipo de identidade visual, com desenhos que remetem ao graffiti. Assim como muitos outros artistas de rua, Ronei

encontrou na arte uma forma de lidar com as agruras do cotidiano e se comunicar com o mundo que o cerca.

Os “Paulestinos” Átila Fragozo e Renoir Santos, por sua vez, utilizam-se do texto e da imagem para colocar questionamentos rua afora. Ao unir a linguagem artística aos questionamentos filosóficos, os artistas criam uma comunicação poética de linguajar pop com a cidade e seus cidadãos. Em suas obras, a temática do nordeste e do cangaço fazem-se presentes e apontam, dentre diversos temas, a problemática da xenofobia na cidade.

Já o Coletivo Transverso, formado por Cauê Maia, Patrícia Bagniewski, Patricia DEI Rey e Rebeca Damian, propõe uma linguagem em que o discurso seja tão relevante quanto a forma. O Coletivo, que nasceu da iniciativa de levar seus poemas para a rua, entende que a poesia no muro fala sobre o desejo de novos futuros, pensa novos usos para os territórios compartilhados, com sociabilidades mais generosas e menos voltadas para a lógica de consumo que domina o nosso cotidiano.

Para agregar um olhar mais teórico e conceitual sobre a questão da arte de rua, buscarei chamar a professora de filosofia Marilucia Bottallo, coautora do livro “Arte Urbana”. O livro retrata a complexa e vibrante cena artística nas ruas das cidades em suas diversas manifestações culturais. No livro, a arte urbana é apresentada como uma resistência cultural que desafia as normas institucionais e redefine a maneira como a sociedade interage com o espaço público, provocando reflexões e renovação constante.

Já a autora de uma dissertação de mestrado defendida na USP sobre os usos do Espaço Urbano e o Universo da Arte de Rua, Gabriela Leal, traz contribuições importantes sobre o graffiti e o espaço urbano. Sua pesquisa, agora editada no livro “Cidades: Modos de Ler, Usar e Se Apropriar” (Funilaria), descreve as dinâmicas das relações entre os praticantes e dos seus espaços de socialização na cidade de São Paulo, apontando como o conhecimento é transmitido entre as gerações e como os iniciantes se formam e constroem sua reputação.

A multiartista Princesa Vandal, praticante do lambe vandal e do graffiti, MC e DJ, apresenta uma perspectiva sobre essas manifestações como forma de resistência às agruras do cotidiano vivenciado pelos corpos marginalizados e oprimidos. Também como uma forma de protesto que ultrapassa a dimensão artística para expressar a voz de um grupo social frente à violência e invisibilização sofridos.

Felipe Barroso, por sua vez, traz a experiência da pixação para o lambe e utiliza-se dessa prática como expressão artística e subsistência. Através do lambe-lambe artístico, Felipe conseguiu libertar-se de um trabalho exaustivo e mal remunerado. Para além do lambe *vandal*, ele defende que as diversas práticas expressivas associadas ao vandalismo são formas de transgredir um olhar engessado sobre o espaço público.

Por fim, o Coletivo SHN é um grupo de arte multidisciplinar que reúne artistas com atuações diversas como artes gráficas, arquitetura, vídeo e grandes pinturas. O coletivo utiliza-se sobretudo da técnica da serigrafia para ressignificar ícones e espalhar mensagens críticas e bem-humoradas pela cidade. Após 25 anos de trabalho, eles adquiriram reconhecimento internacional e atualmente espalham posters, adesivos e murais por todo o mundo.

Suporte

Documentário

Metodologia

A metodologia utilizada para a realização do documentário foi descritiva, exploratória e explicativa. Sendo assim, iniciou-se a partir de uma fundamentação teórica a respeito da street art, graffiti e lambe-lambe, com base na bibliografia existente sobre o tema e na contribuição de especialistas, para então partir para a pesquisa de campo e captação de material.

Durante a pesquisa de campo, quando realizadas as entrevistas com os praticantes do lambe-lambe, pode-se verificar os dados coletados ao longo do procedimento inicial de fundamentação teórica. Esse movimento foi particularmente importante considerando a limitação bibliográfica sobre a prática de colagem do lambe-lambe nas ruas de São Paulo.

O primeiro procedimento prático para a elaboração do documentário, após a fundamentação teórica, foi a realização do Pré-Projeto, que definiu um norteamento para a produção do trabalho. Posteriormente, a contatação dos entrevistados, o

agendamento das entrevistas e o aprofundamento na biografia de cada um deles foi feita com base em um roteiro prévio.

Com a captação das entrevistas e dos materiais de cobertura, iniciou-se o processo de minutagem e a elaboração de um roteiro final para definição da linha narrativa. Assim, seguiu-se concomitantemente a edição do material, correção de cor, definição das trilhas e lettering.

Ao longo desses procedimentos, foi feito o memorial, que descreve resumidamente a trajetória de produção do trabalho. A entrega deste material para a banca examinadora e a defesa do TCC, por fim, representam a etapa final.

Referências bibliográficas

BOTTALLO, Marilúcia; BURMESTER, Cristiano. Arte Urbana. São Paulo: Editora Brasileira, 2022.

LEAL, Gabriela Pereira de Oliveira. Cidade: modos de ler, usar e se apropriar - uma etnografia das práticas de graffiti de São Paulo. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/D.8.2019.tde-02052019-140447. Acesso em: 2023-11-27.

Pacheco, N., & de Castro, G. L. (2022). O grafite como ferramenta de comunicação da juventude goianiense: Graffiti as a communication tool for the youth of Goiania. *Brazilian Journal of Development*, 8(8), 59825–59841. <https://doi.org/10.34117/bjdv8n8-321>

RAMOS, C. M. A. Grafite & pichação: por uma nova epistemologia da cidade e da arte. 16º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Anais. Florianópolis, v. 1, 2007.

FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. *Rev. Mal-Estar Subj., Fortaleza*, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, dez. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000400010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 nov. 2023.

OLIVEIRA, Diogo. Lambe-lambe: Resistência à verticalização do Baixo Augusta. 2015. 24 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, Escola de Comunicações e Artes Centro de Estudos Latino Americanos Sobre Cultura e Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PALLAMIN, Vera Maria. Arte urbana como prática crítica. Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana. Tradução . São Paulo: Estação Liberdade, 2011. . . Acesso em: 27 nov. 2023.

DEL ROIO, José Luiz; CARVALHO, Ricardo; SACCHETTA, Vladimir. Os cartazes desta história: memória gráfica da resistência à ditadura militar e da redemocratização. 1. ed. São Paulo: Escrituras, 2013.

DOWNING, John D. H. Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.2. ed. São Paulo: Senac, 2004. PALLAMIN, Vera. Arte urbana. São Paulo: região central (1945-1998) – obras de caráter temporário e permanente.1. ed. São Paulo: Fapesp, 2000.

EXIT THROUGH THE GIFT SHOP. Direção: Bansky. Produção de Jaimie D'Cruz. Reino Unido: Revolver Entertainment, 2010. Youtube, documentário.

COLA NA VEIA. Direção: Maick Thiago Lenin. Produção de MaicknucleaR. 2017. Youtube, documentário.

COLA DE FARINHA. Direção: Maick Thiago Lenin. Produção de MaicknucleaR. 2011. Youtube, documentário.

PIXO. Direção: João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo, 2009. Youtube, documentário.

LAMBE-LAMBE: A ARTE URBANA DE RONI EVANGELISTA. Mural, São Paulo, 01/09/2021.

SOMBINI, Eduardo. Grafitti não é tinta no muro, é reinvenção da cidade, diz antropóloga. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02/09/2023.

MANO, Maíra Kubík. Pichação, a marca da desigualdade social. Le Monde Diplomatique Brasil, 03/12/2009.

ABRANGENTE E CONTROVERSA, ARTE URBANA É FERRAMENTA DE CRÍTICA E POESIA PELO MUNDO. GZH, 26/10/2011. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2011/10/abrangente-e-controversa-arte-urbana-e-ferramenta-de-critica-e-poesia-pelo-mundo-3541216.html>

ZUMBI. Passado e presente: os cartazes de protesto. Disponível em: <http://www.zupi.com.br/passado-e-presente-os-cartazes-de-protesto>. Acesso em: 26 dez. 2023.

SHN. shn.art.br, 2023. Disponível em: <https://cargocollective.com/ssshhnnn>. Acesso em: 26/11/2023.